

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

LUANA ROSA DE ASSIS SILVA

**UM ESTUDO SOCIOINTERACIONISTA SOBRE A ESQUIZOFRENIA E OS
DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM**

PARINTINS – AM

2024

LUANA ROSA DE ASSIS SILVA

**UM ESTUDO SOCIOINTERACIONISTA SOBRE A ESQUIZOFRENIA E OS
DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras pelo Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas (CESP-UEA).

Orientador: Dr. Franklin Roosevelt Martins de Castro

PARINTINS – AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S586e

Silva, Luana Rosa de Assis

Um estudo sociointeracionista sobre a esquizofrenia e os distúrbios da linguagem / Luana Rosa de Assis Silva. Manaus : [s.n], 2024.
25 f. : ; 21.0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.

Orientador: Franklin Roosevelt Martins de Castro.

1. Esquizofrenia. 2. Distúrbios da Linguagem. 3. Sociointeracionismo. 4. Vygotsky. I. Franklin Roosevelt Martins de Castro (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

LUANA ROSA DE ASSIS SILVA

**UM ESTUDO SOCIOINTERACIONISTA SOBRE A ESQUIZOFRENIA E OS
DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Letras – Língua Portuguesa pela
Universidade do Estado do Amazonas, como
requisito para obtenção do título de Licenciada
em Letras.

Aprovado em: 27/02/2024

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Franklin Roosevelt Martins de Castro (Presidente CESP/UEA)
Orientador

Prof. Dra. Francisca Keila de Freitas Amoedo (Membro CESP/UEA)

Prof. Me. Luis Alberto Mendes de Carvalho (Membro CESP/UEA)

PARINTINS – AM

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, e todos aqueles que me acompanharam nessa jornada acadêmica e de certa forma pessoal, em nome de minha mãe Gilvandra Farias de Assis, meu avô hoje não mais presente em vida Gilson Marques de Assis, minha avó Rosa Farias de Assis, meu tio Gildo Farias de Assis que me ajudou a voltar e concluir o curso.

Às minhas amigas Dayane Pontes, Terciane Santos, Hosvano Miquiles, Ana Paula Martins, Letícia Tavares, e todos aqueles que se fizeram presente de alguma forma durante minha trajetória acadêmica.

Ao meu parceiro Mikael Rodrigues que foi meu porto seguro e maior incentivador nessa volta à universidade e a conclusão do curso que tanto sonhei em minha infância cursar.

Ao meu orientador, professor Dr. Franklin Roosevelt Martins de Castro, que me orientou nesse trabalho de conclusão de curso, ouviu atentamente e me mostrou que eu era capaz de concluir.

A todos os professores que ministraram aulas ao longo dos períodos, vocês foram de suma importância para meu desempenho acadêmico e pessoal nesses anos no CESP-UEA. Um agradecimento mais que especial à professora Dra. Keila Freitas de Amoedo e ao professor Dr. Weberson Grizoste que me motivaram a voltar para a UEA e concluir o curso de Letras, seres enviados e iluminados por Deus.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas da Let18, que mesmo eu concluindo depois deles, continuaram junto de mim até agora.

A meu avô Gilson Marques de Assis, meu
maior incentivador (in memoriam).

A linguagem é polissêmica requer interpretação em fatores linguísticos e extralinguísticos. Para entender o que o outro diz, não basta entender suas palavras, mas também seu pensamento e suas motivações.

Lev Vygotsky, 2001

UM ESTUDO SOCIOINTERACIONISTA SOBRE A ESQUIZOFRENIA E OS DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM

Luana Rosa de Assis Silva¹
Franklin Roosevelt Martins de Castro²

RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar a forma como o sujeito pode sofrer interferência na linguagem em decorrência do diagnóstico de esquizofrenia. Com isso, apresentaremos um estudo sobre os aspectos de caracterização da esquizofrenia, tendo como referência a relação com o sociointeracionismo e os distúrbios da linguagem, com base nos pressupostos teóricos de Lev Vygotsky para a análise do corpus de estudo selecionado. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, voltada para a análise de artigos que salientam a temática abordada, nesse sentido, tem como objetivo mostrar as diferenças da linguagem do indivíduo com e sem esquizofrenia. A pesquisa centra-se em compreender esse distúrbio se dá desde a descoberta da doença até o tratamento contínuo e os distúrbios da linguagem desencadeados nos sujeitos a partir do desenvolvimento da esquizofrenia.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Distúrbios da Linguagem; Sociointeracionismo.

ABSTRACT

This research seeks to analyze how the subject can suffer language interference as a result of the diagnosis of schizophrenia. With this in mind, we will present a study on the characterization aspects of schizophrenia, with reference to the relationship with socio-interactionism and language disorders, based on the theoretical assumptions of Lev Vygotsky for the analysis of the selected corpus of study. This is a qualitative bibliographical study, focusing on the analysis of articles that highlight the theme addressed, with the aim of showing the differences in the language of individuals with and without schizophrenia. The research focuses on understanding how this disorder develops from the discovery of the disease through to ongoing treatment and the language disorders triggered in individuals by the development of schizophrenia.

Keywords: Schizophrenia; Language Disorders; Sociointeractionism.

INTRODUÇÃO

A esquizofrenia é transtorno mental que afeta 1% da população mundial, uma doença mental que varia de sintomas de pessoa para pessoa. Salientamos que a esquizofrenia não afeta as pessoas da mesma maneira, pois existem cinco tipos de esquizofrenia, sendo essas,

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA. E-mail: lrdas.let18@uea.edu.br

² Doutor em Linguística. Professor curso de Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA. E-mail: fmcastro@uea.edu.br

paranoide, catatônica, hebefrênica, residual e indiferenciada. Essa doença caracterizada como psicose afeta o indivíduo em seu comportamento perante as situações cotidianas, a fala, a escrita, o raciocínio lógico, destacando aspectos no sentido cognitivo da pessoa.

Considerando isso, o presente artigo visa identificar a forma com que a esquizofrenia pode modificar ou interferir na linguagem de pessoas com essa doença das literaturas sobre estudos já realizados que aprofundam a temática. Cada pessoa sente a doença de uma forma, podendo também se manifestar principalmente na cognição humana, desta maneira, buscamos compreender as mudanças na linguagem da pessoa com essa deficiência.

Precisamos entender o funcionamento direto de lado psíquico humano, mostrando como influencia o cotidiano de pessoas com a doença, destacando como sua cognição é afetada. Por meio dos estudos publicados que investigam essa temática, foi possível compreender os distúrbios de linguagem que são encontrados diante as diversas ações praticadas pelos indivíduos.

Para fundamentar essa pesquisa precisamos entender o que seria essa doença, como se dá o diagnóstico e tratamento, para assim, entender como pode afetar a cognição, sendo perceptivo que a desorganização mental é um dos principais sintomas da esquizofrenia. Além disso, os sujeitos esquizofrênicos apresentam uma fala fragmentada, dificuldades na expressão verbal, além de não poder ser compreendido a escrita do indivíduo.

Cada paciente com esquizofrenia possui sintomas diferentes que os caracterizam e desorganização mental é um deles, em outros casos, há a presença de distúrbios mentais e de pensamento, dificuldades na expressão verbal, vista claramente como uma pobreza informacional, e uma fala dita descarrilhada, notada de acordo com a percepção de cada indivíduo que convive diretamente com a pessoa que possui essa doença mental crônica e incapacitante.

Para entender o que será analisado é necessário ter a compreensão da doença, fazer um estudo aprofundado, entendendo a diferença de um indivíduo para o outro, mas em geral, os sujeitos esquizofrênicos demonstram um certo distanciamento do real em relação ao imaginário, além das mudanças na fala e no agir em diversas ocasiões. Tendo em vista os estudos selecionados para análise, investigamos e analisamos os distúrbios da linguagem em atos discursivos tanto orais quanto escritos no dia a dia em diferentes situações sociais.

Para o alcance dos objetivos, o método utilizado é bibliográfico, já que se trata de um estudo bibliográfico a partir da análise e apreciação de artigos que discutem a temática da esquizofrenia em relação a linguagem e os distúrbios a partir de uma perspectiva sociointeracionista sustenta este estudo analítico.

Os procedimentos metodológicos desenvolvidos são coerentes com os objetivos propostos durante o caminho da pesquisa percorrido, que será o método ou abordagem sociointeracionista, que Levy Vygotsky aponta ser o entendimento onde o ambiente pode transformar o homem, assim como o homem pode transformar o ambiente.

Isso pode ser feito a partir desse estudo bibliográfico, o qual é pertinente a partir da análise de textos teóricos publicados que buscaram compreender a esquizofrenia e os distúrbios da linguagem. Tendo como objetivo compreender de que maneira a esquizofrenia interfere nas interações verbais de uma pessoa diagnosticada, descrevendo como é a linguagem de uma pessoa diagnosticada com esquizofrenia para explicar como a linguagem é vista, dependendo do meio social, e de que forma pode mudar o tratamento das pessoas com essa doença, ressaltando que a linguagem pode ou não ser um divisor comportamental da pessoa diagnosticada.

Sabendo que há essa desorganização na fala, já que seu cérebro é afetado pela doença, a pessoa fica com a perda de contato do que é real ou não. Isso é algo complexo, mas não impossível de ser analisado, torna-se importante ser feito pesquisas na área como forma também de desmistificar estereótipos preconceituosos acerca das pessoas esquizofrênicas, bem como o tratamento social que se dá a esses sujeitos.

Neste artigo visamos discorrer sobre uma temática pouco discutida, mas de relevância social que precisa ser investigada como forma de despreconceituar a esquizofrenia e compreender os distúrbios da linguagem que gerados a partir da doença sob o viés sociointeracionista de Lev Vygotsky, para aspectos referentes a mente, a fala, a oralidade, a escrita de pessoas com esquizofrenia.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Esquizofrenia: início da doença, diagnóstico e tratamento

Realizar esta pesquisa tendo como foco a esquizofrenia e os distúrbios da linguagem tornou-se algo de interesse para esta pesquisadora a partir do contato com os estudos na área da linguística durante a graduação, associado ao fato de haver convivência com pessoa diagnosticada com esquizofrenia no núcleo familiar. Essas circunstâncias suscitaram o interesse em pesquisar sobre linguagem e esquizofrenia, buscando compreender como a linguagem do indivíduo esquizofrênico se desenvolve, propomos dar mais visibilidade aos estudos que investigam problemáticas que se referem a relação entre cognição e doenças mentais.

Colocar em um artigo esse estudo, possui uma grande relevância os futuros professores, tanto em formação ou já formados, estudem e entendam como uma pessoa com esquizofrenia, considerando o universo escolar que é diversificado e ao longo da experiência docente é possível o contato com alunos esquizofrênicos. Mesmo ao desenvolver essa doença mental crônica, a pessoa tem capacidade de ter sua linguagem, assim como uma pessoa que não possui essa doença, mas para estes sujeitos há limitações em alguns quesitos, tais como, baixa autoestima, isolamento social, limitações afetivas, cognitivas e linguísticas.

Por ser uma doença mental crônica e não possuir cura, estudos a partir dessa temática são feitos para compreender de qual forma se inicia a doença, quais os primeiros sintomas e a forma de tratamento. Visando isso muitos estudiosos explicam que os sintomas têm ligação entre a forma de receber e repassar as informações através da linguagem pelo indivíduo em processo de diagnóstico, Bressan (2000, p. 27) afirma que:

Embora o diagnóstico da esquizofrenia esteja baseado nos sintomas positivos e negativos, os sintomas depressivos são bastante freqüentes e têm grande importância para os pacientes. As descrições clássicas da esquizofrenia de Kraepelin e Bleuler já enfatizavam a importância dos sintomas depressivos na evolução da doença. Como os sintomas depressivos não tinham utilidade para a classificação diagnóstica, o estudo desses foi por um longo tempo relegado a um segundo plano. Nas décadas de 60 e 70, com a disseminação de conceitos psicanalíticos na prática psiquiátrica, houve um interesse pelos sintomas depressivos que ocorrem no período que segue a remissão do episódio psicótico agudo.

A partir dessa perspectiva, algumas pessoas esquizofrênicas possuem fragmentos da depressão, esses problemas psicossociais acarretaram para a avaliação e confirmação desses dois problemas, assim como também crises de ansiedade. Pesquisadores da área esclarecem que a esquizofrenia é uma doença que tem que ser tratada e não tem cura, didaticamente esse processo tende a se tornar cada vez mais notório, Bressan (2000, p. 2) complementa que:

[...] pode-se dividir os quadros depressivos entre aqueles que ocorrem durante o episódio psicótico e aqueles do período de estabilidade. A depressão intrínseca ao episódio psicótico agudo ocorre em aproximadamente 67% dos pacientes, e tende a regredir juntamente com os sintomas psicóticos positivos. Em contrapartida, a disforia aguda é um quadro episódico que ocorre no período de estabilidade e se caracteriza por sintomas depressivos e de ansiedade bastante intenso.

Continuando as discussões, Bressan (2000) mostra a singularidade de duas problemáticas existentes na sociedade, a depressão e a disforia que também se associam a esquizofrenia. Além desses aspectos psicológicos que se relacionam à doença, outros sintomas referem-se aos aspectos da linguagem da pessoa esquizofrênica quanto ao uso da língua. A

manifestação da língua em sociedade diverge de uma pessoa para outra e, por isso, os indivíduos desenvolvem uma linguagem mais particular a partir de suas relações, porque a linguagem é individual, tanto escrita quanto oralmente.

Para Gati (2021), a linguagem na esquizofrenia se caracteriza como uma doença cujos sintomas são bastante heterogêneos e afeta cerca de 1% da população mundial. Os sintomas recorrentes começam na adolescência e início da vida adulta ou através do uso de entorpecentes que também pode acarretar o desenvolvimento da doença. As pessoas com esse distúrbio tendem a ter surtos psicóticos, e sua cognição é afetada diante do nível de transtorno da pessoa com esquizofrenia.

Outras hipóteses como as neuropsicológicas, surgiram ao mesmo tempo em que se buscava indícios de causas orgânicas associadas as psicoses em geral. Tais hipóteses relacionam os delírios a alterações em determinadas regiões cerebrais, como sugerem os estudos de *Horn et al* (1990) e Hopkins e Lewis (2000), que observam alterações de funcionamento em áreas cerebrais frontais, associadas a fluências da linguagem e do pensamento além de capacidades de julgamento social, respostas e ligações emocionais (Gati, 2021, p. 179).

Partindo desse pressuposto, podemos ver que essa doença tem sido investigada, principalmente na área dos estudos linguísticos e ao que diz respeito a “dessimbolização”, que consiste na falta de sociabilidade que a pessoa esquizofrênica desenvolve. A esquizofrenia caracteriza-se também pela perda de seus símbolos linguísticos, a fala é fragmentada, a linguagem sofre grandes problemas em suas associações semântico-lexicais e a não concentração no processo de interpretação durante a comunicação. A forma da pessoa com esquizofrenia se relacionar no meio social implica em uma falta de compreensão com o indivíduo que se sente incapaz de socializar e com isso acaba se limitando, fazendo com que a doença seja um problema para não continuar a ter uma vida igual a qualquer outra pessoa.

1.2 O que é o sociointeracionismo?

O sociointeracionismo é a ligação de troca de ideias, a relação entre os sujeitos que culmina na produção de conhecimento. Essa perspectiva sociocultural para Vygotsky (2001) se insere no meio onde há interação do homem, devido a isso sua teoria foi denominada de socioconstrutivismo ou sociointeracionismo.

O autor refere-se a linguagem como o desenvolvimento do pensamento, Vygotsky (2001) divide esse conceito em quatro pilares: 1. As funções psicológicas tendo o cérebro como um sistema aberto, por ser imutável; 2. O funcionamento do psicológico que tem como base as

relações sociais; 3. A cultura que seria a construção da natureza humana; e a 4. Relação homem-mundo no qual remete a mediação por sistemas simbólicos.

Existem funções psicológicas, onde essas ações só são encontradas no homem, ao qual seria a capacidade de organizar, pensar, organizar, categorizar, generalizar e muitos outros, tudo isso a partir do desenvolvimento humano, a sua história social.

A partir disso, Vygotsky (2001) define que existem dois elementos mediadores constituintes intermediários em uma relação sociointeracionista, que seria o instrumento, criado pelo homem para facilitar sua sobrevivência e o seu trabalho, e é colocado como externo e o signo é interno voltado para os instrumentos psicológicos, que o auxiliam diretamente em seus processos, ambos constituem a ação do homem no mundo.

Para Vygotsky (2001) a criança não precisa necessariamente da escola para se desenvolver, já que os passos iniciais do conhecimento humano acontecem em casa, aprende-se a falar a partir da interação com uma pessoa que já possui essa linguagem, mas ainda assim não diminui o fato da necessidade de se existirem escolas, pois é a partir disso que se possui uma compreensão de elementos mais complexos da língua.

Sendo assim a teoria sociointeracionista de Vygotsky (2001) trata que as interações acontecem a partir das relações sociais, na troca de ideias que culminam na produção de conhecimento. Isso se relaciona com os distúrbios da linguagem para a pessoa com esquizofrenia na medida em que esses sujeitos têm dificuldade de interação social.

1.3 O problema e a abordagem

A psicologia abrange estudos pelos quais torna-se evidente a forma com que funciona o interior do indivíduo, os pensamentos, formas de agir. São questões psicossociais que são investigadas com o objetivo de compreender os aspectos da mente humana, quanto ao seu comportamento perante a sociedade. Esses estudos se aplicam às pessoas com esquizofrenia para investigar essa problemática para que possamos entender se há ou não um diferencial linguístico nesses indivíduos.

Sob esses aspectos, Lev Vygotsky (2001, p. 8) ressalta que:

Enquanto não compreendermos a inter-relação entre o pensamento e a palavra, não poderemos responder a nenhuma das questões mais específicas deste domínio, nem sequer levantá-las. Por mais estranho que tal possa parecer, a psicologia nunca estudou sistematicamente e em pormenor as relações, e as inter-relações em geral nunca tiveram até hoje a atenção que merecem.

O avanço no campo da Psicologia, favoreceu em muito o processo de desenvolvimento de estudos que procurassem compreender as relações linguísticas que se estabelecem entre os seres humanos. Quando se fala em pessoa esquizofrênica, deve-se considerar as diferentes formas pelas quais ela se mostra através de sua fala, mas nos leva ressaltar que essa é uma característica comum a todos.

Cada ser tem sua maneira de falar, mas muitas vezes utilizam termos comuns no meio social, como o uso do regionalismo, a norma formal e informal da língua, estrangeirismo, neologismo, dentre outros recursos estilísticos. Essa relação não é vista como algo prioritário no meio social, tendo em vista que:

É verdade que todos aceitavam a unidade da consciência e a inter-relação de todas as funções psíquicas; partia-se da hipótese de que as funções isoladas operavam inseparavelmente, numa ininterrupta conexão mútua. Mas na velha psicologia, a premissa inquestionável da unidade combinava-se com um conjunto de pressupostos tácitos que a anulavam para todos os efeitos práticos (Vygotsky, 2001, p. 8).

A linha de pensamento muitas vezes se torna algo relativo, uma mente é diferente da outra mesmo que o pensamento se torne aparentemente igual. Pessoas que possuem essa doença se tornam agressivos e ao estarem medicados na maioria das vezes não se lembram dos ocorridos em relação aos surtos psicóticos.

O estudo linguístico social é algo que precisa ser visto com mais atenção, no qual a partir de novas pesquisas sobre o estudo da linguagem, tem visto que essas relações são a partir do desenvolvimento psíquico. O psiquismo, também conhecido como abordagem sociointeracionista, elaborada por Vygotsky (2001), tem como objetivo central caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento, elaborando hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida do indivíduo.

No entanto, tudo o que sabemos do desenvolvimento psíquico indica que a sua essência mesma é constituída pelas variações ocorridas na estrutura interfuncional da consciência. A psicologia terá que considerar estas relações e as variações resultantes do seu desenvolvimento como problema fulcral, terá que centrar nelas o estudo, em vez de continuar pura e simplesmente a postular o inter-relacionamento geral de todas as funções. Para se conseguir um estudo produtivo da linguagem e do pensamento torna-se imperativo operar esta modificação de perspectiva (Vygotsky, 2001, p. 9).

Podemos notar que mesmo os estudos apontando essa relação psicológica do indivíduo, ele possui suas limitações, em alguns casos pode ocorrer essa falta da relação cognitiva, tendo em vista que a esquizofrenia é uma doença mental que afeta a forma como as pessoas pensam,

sentem e percebem o mundo. O sintoma característico da esquizofrenia é a psicose, como a experiência de alucinações auditivas (vozes) e delírios (crenças falsas fixas).

Nesse sentido, vemos que a partir de uma falha no cérebro a pessoa começa a perder o controle do corpo, da mente, começam a criar situações que não ocorreram, mas isso possui uma mudança quando estão medicados. No estudo linguístico referente a pessoa com esquizofrenia, podemos perceber que afeta a linguagem refletindo-se na falta de ligação entre as frases ditas, o excesso de falas repetidas, a criação de novas palavras. Possuem uma linguagem confusa, a qual diminui a compressão daqueles que os ouve, há também uma dificuldade para a escrita, porque muitas dessas pessoas perdem a prática, as letras ficam desorganizadas, onde somente a pessoa que escreveu compreende, Vygotsky (2001) diz que:

Podemos seguir a evolução da ideia da identidade entre o pensamento e o discurso desde as especulações da linguística psicológica, segundo a qual o pensamento é “discurso menos som”, até as teorias dos modernos psicólogos e reflexionistas americanos, para os quais o pensamento é um reflexo inibido do seu elemento motor. Em todas estas teorias a questão da relação existente entre o pensamento e o discurso perde todo o seu significado. Se são uma e a mesma coisa, não pode surgir entre eles nenhuma relação (Vygotsky, 2001, p. 9).

Essas características presentes, apontam a desorganização na fala do indivíduo, mas também da mente. Já que esse distúrbio mental expande em todas as áreas, o corpo é afetado direta e indiretamente. A corpo se sente refém do que a mente diz, possuir esquizofrenia vai além de um distúrbio do intelecto do indivíduo, não há somente a desorganização do pensamento e da linguagem, esse embaraço é em todo o corpo, um aspecto é ligado a outro:

Tinha-se como ponto assente que a relação entre duas determinadas funções nunca variava: aceitava-se, por exemplo, que as relações entre a percepção e a atenção, entre a atenção e a memória e entre a memória e o pensamento eram constantes e, como constantes, podiam ser anuladas e ignoradas (e eram-no) no estudo das funções isoladas. Como as consequências das relações eram de fato nulas, via-se o desenvolvimento da consciência como determinado pelo desenvolvimento autônomo das funções isoladas (Vygotsky, 2001, p. 8).

Os pensamentos constantes, são as consequências diretas dos distúrbios mentais, analisar a língua de um indivíduo com esse tipo de problema, faz com que fuja do padrão imposto, a linguagem é a forma intrínseca de comunicação das pessoas, fugir desses padrões faz com que a sociedade não os aceites em seu convívio, há muito preconceito, a própria língua sofre com isso. O preconceito linguístico é algo recorrente em pessoas sem a doença, mas com a doença se torna ainda mais visível. Pois tendo a desorganização de pensamento e linguagem,

quebra esses estereótipos aplicados, o padrão deixa de ser seguido, a língua se transforma, Vygotsky (2001) ressalta:

Virá talvez, a propósito mencionar aqui alguns dos problemas da área da linguagem que não exploramos especificamente no nosso estudo. O mais importante de todos é a relação entre o aspecto fonético da linguagem e o significado. Estamos em crer que os recentes e grandes passos em frente da linguística se ficam em grande medida a dever a alterações operadas nos métodos de análise empregues no estudo da linguagem (Vygotsky, 2001, p. 14).

Ao explorar as relações do aspecto fonético da linguagem, tende a serem grandes as questões que falam sobre a linguagem e pensamento, esse estudo torna o ser humano apto a se comunicar a simbolizar em qualquer situação, no entanto, um estudo mais voltado para a gênese do conhecimento e da comunicação nas crianças leva a ideia de que a comunicação real exige o significado, ou seja, a generalização tanto quanto os signos linguísticos.

O estudo do pensamento para Vygotsky (2001) remete a limitação daquilo que é proposto, o ponto de vista vai contra, pois o pensamento liberta os componentes sensoriais, e nesse sentido, o autor afirma que:

Aqueles que identificam o pensamento com o discurso limitam-se a fechar a porta ao problema. À primeira vista, os partidários do ponto de vista oposto parecem estar em melhor posição. Ao encararem o discurso como simples manifestação externa, como simples adereço que reveste o pensamento e ao tentarem libertar o pensamento de todas as suas componentes sensoriais, incluindo as palavras (como faz a escola de Wuerzburg), não se limitam a pôr o problema das relações existentes entre as duas funções, como tentam, também, à sua maneira, resolvê-lo (Vygotsky, 2001, p. 9).

Partindo disso, vê-se independente no estudo das funções isoladas do pensamento verbal em dois elementos separados e basicamente diferentes no qual impede todo e qualquer estudo das relações intrínsecas entre o pensamento e a linguagem, um todo devidamente posto em uma linha onde há dois tipos diferentes em relação aos possíveis estudos feitos das estruturas do psicológico. O autor chamou de funções mentais superiores e os processos típicos do ser humanos como: a memória, atenção e lembrança voluntária, memorização ativa, imaginação, capacidade de planejar, estabelecer relações, ação intencional, desenvolvimento da vontade, elaboração conceitual, uso da linguagem, representação simbólica das ações propositadas, raciocínio dedutivo, pensamento abstrato.

Os estudos de Vygotsky (2001) enfatizam esse processo de compreensão de pensamento e linguagem, no qual ainda é discutido entre muitos pesquisadores, que buscam fazer essa relação, visto que:

A generalização é um ato verbal de pensamento e reflete a realidade numa forma totalmente diferente da sensação e da percepção. Esta diferença qualitativa a se encontra implicada na proposição segundo a qual há um salto qualitativo não só entre a total ausência de consciência (na matéria inanimada) e a sensação, mas também entre a sensação e o pensamento. Temos todas as razões para supor que a distinção qualitativa entre a sensação e o pensamento é a presença no último de um reflexo generalizado da realidade, que é também a essência do significado das palavras e de que, por conseguinte, o significado é um ato de pensamento no sentido completo da expressão (Vygotsky, 2001, p. 12).

Isso parte do princípio de como as coisas acontecem dentro e fora do indivíduo, ao mencionar alguns dos problemas da área da linguagem que não é explorado especificamente no estudo, busca-se fazer o aporte daquilo que se tem como essencial em meio a tantos outros tipos de visão ligada a linguagem e ao pensamento, mencionados por Vygotsky (2001). Colocando esse estudo como um divisor de ideias, pois existem muitas teorias sobre como é a linguagem dos indivíduos, mesmo tendo em mente o que é a linguagem e como ela é desenvolvida desde o dia que a pessoa nasce.

2 METODOLOGIA

Partindo dos objetivos propostos, essa pesquisa vem a partir da necessidade de se entender a fala, escrita de um indivíduo esquizofrênico, assim como promover mais estudos na área sociointeracionista e os distúrbios de linguagem, em relação à esquizofrenia, pois o estudo analisa artigos que abordam estudos que manifestam essa sapiência, sendo o estudo de artigos científicos e teses do psicólogo Lev Vygotsky (2001).

A presente pesquisa é de cunho bibliográfico, devido seu aporte teórico a partir de quatro artigos, ao qual o método de escolha foi devido o período que foi publicado e a leitura a partir dos mesmos, nos quais os autores abordam a temáticas sobre a esquizofrenia e a forma com que ela pode estar ligada aos diversos âmbitos do desenvolvimento linguístico.

A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico (Souza, 2021, p. 66).

Por intermédio dos teóricos selecionados, vê-se que essa prática carece de muita leitura, pois, será feita a análise do tema e com isso escrever sobre as questões que são primordiais para o êxito da pesquisa.

A pesquisa baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie no domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado. Na realização da pesquisa bibliográfica o pesquisador tem que ler, refletir e escrever o sobre o que estudou, se dedicar ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos (Souza, 2021, p. 66).

Para ser um estudo bibliográfico é necessário seguir essas etapas, que incluem ler, refletir e escrever sobre o assunto estudado, com isso o presente artigo é uma pesquisa bibliográfica e de cunho qualitativo.

O corpus da pesquisa é constituído pelos seguintes artigos científicos sobre a relação entre linguagem e esquizofrenia: *Esquizofrenia: uma revisão* de Regina Cláudia Barbosa da Silva (2006), *Esquizofrenia e terapia cognitivo comportamental: um estudo de revisão narrativa* de Girlene Santos da Mota, Maria Jeane da Silva e Andressa Pereira Lopes (2017), *Esquizofrenia, clínica e saúde mental na psicologia sócio-histórica e na psicanálise* de Fabiano Chagas Rabêlo et al (2018) e *Linguagem e comunicação na perspectiva do sujeito com esquizofrenia* de Victória Costa Fonseca e Noemi Vieira de Freitas Rios (2021).

A pesquisa é de cunho qualitativo, por ter uma abordagem voltada a análise de artigos que externam o estudo da esquizofrenia e os distúrbios da linguagem. Os artigos ao qual foram mencionados, apresentam falas de psicólogos, psicanalistas, estudiosos onde possuem um estudo mais abrangente sobre algumas temáticas que estão sendo mensuradas.

Ao utilizar o método qualitativo, podemos ter uma análise voltada para a causa, os ideais que levam a ser estudado aquele determinado assunto, tal como a proposta deste artigo, que visa fazer esse estudo a partir de artigos, no qual vemos que:

Evidentemente, se a pesquisa tem a finalidade prioritária de, por exemplo, estabelecer dados numéricos, estatísticos, sobre determinado fenômeno social, o tipo de pesquisa mais apropriado é aquela de abordagem quantitativa. No entanto, se há a intenção de realização de um estudo com ênfase no conhecimento de determinados aspectos de natureza subjetiva, que não podem ser traduzidos em números, o tipo de abordagem será qualitativo (Brito, 2021, p. 2).

A forma com que é desenvolvida a pesquisa, diz muito sobre ela, tendo em vista o método utilizado, pois há uma triangulação a partir da coleta de documentos que abordam a temática, é necessário fazer essa observação através da escrita dos artigos, para entendermos se há sentido no que é proposto durante a análise do que já foi escrito sobre o tema e com isso fazer essa análise dialética, colocando o que foi dito pelos autores dos artigos, o que Vygotsky (2001) pontua sobre, se há ou não distanciamento na fala, e com isso fazer um posicionamento para que se possa ter essa conclusão da análise e alcançar os objetivos proposto, tendo em mente o posicionamento dos teóricos na pesquisa.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise comparativa (dialético) é um método de pesquisa que busca fazer o estudo de informações que envolvem a comparação de dois ou mais processos, documentos, conjuntos de dados para obter razões autênticas na explicação de diferenças ou semelhanças em determinado assunto. Esse método foi escolhido para que pudesse ser feito a vista da forma que a esquizofrenia possa ou não interferir na linguagem dos indivíduos que possuem essa deficiência.

O corpus da pesquisa é constituído por artigos resultantes de pesquisas recentes sobre a temática, por mais que muitos autores não falem necessariamente sobre a linguagem de um esquizofrênico, poucos abordam o estudo psicológico, psíquico, a partir de estudos de escritores, pesquisadores renomados na área, como vemos na obra de Vygotsky (2001).

3.1 Linguagem e esquizofrenia

A relação entre o pensamento e o comportamento humano, analisando as pessoas com esquizofrenia, muitas vezes ocasiona um prejuízo na percepção da realidade do indivíduo. Em alguns casos há a oscilação de comportamento entre os sujeitos, pois, não existe somente um grau de esquizofrenia, e a forma com que o indivíduo se porta no seu meio social, diz muito a respeito do que ele é diante a diversos acontecimentos.

Rabêlo et al (2018) destaca a relação entre linguagem e esquizofrenia, o estudo a partir desses ideais mostra que o estado patológico do esquizofrênico não pode ser tomado como um ente autônomo, cuja existência independente das relações simbólicas e discursivas nas quais um dado indivíduo está inserido. Ressalta a importância de inserir uma pessoa com esse distúrbio em sociedade, a esquizofrenia não invalida o ser humano.

Para Vygotsky (2001), todo indivíduo que utiliza palavras sem significado as torna nulas. Isso revela muito sobre a forma como a pessoa se posiciona em sociedade e sobre o simples fato de que, muitas vezes, ao não saber o significado de algo, cria palavras que, em sua visão, possuem sentido, mas que não têm comprovação de existência real.

Uma pessoa esquizofrênica tende a fazer a utilização de neologismo, mas, muitas das vezes, pessoas não compreendem o que foi dito e fazem com que aquilo deixe de existir. Pois, pessoas com problemas mentais não são vistas como pessoas que possuem um conhecimento; são vistas como incapazes, e isso faz com que os mesmos se sintam inaptos a se expressar, a estudar, a viver em sociedade, devido ao fato de que aquilo que dizem é visto como algo

incorreto. Isso se torna desmotivador, por pensarem que, devido a possuírem a esquizofrenia, não são capazes de ter uma vida igual à de uma pessoa que não possui a doença.

A forma como a pessoa é vista no meio social traz questões que norteiam essa pesquisa, devido os autores abordarem temáticas voltadas para a compreensão de estudos narrativos da cognição comportamental, por ser visto como um transtorno mental grave, a esquizofrenia, é apontado pela literatura como doença crônica altamente incapacitante, associadas a risco de suicídio, a maior probabilidade de desenvolver comorbidades clínicas e a baixa expectativa de vida (Mota; Silva; Lopes, 2017).

Nota-se que pessoas que possuem esse distúrbio, não possuem a capacidade de fazer coisas mínimas no dia a dia, mas com bem se é visto, a cada dia mais pessoas com esse distúrbio, são aprovados com notas excelentes em universidades, isso mostra que mesmo depois de anos de estudos sobre a esquizofrenia, ainda sim essas pessoas são invalidadas, mesmo possuindo um grande potencial.

Assim como também é feito a história a partir da linguagem e a comunicação na perspectiva do sujeito, que diz respeito a forma com que a semiologia da esquizofrenia inclui um conjunto de sintomas cognitivos, positivos ou psicóticos (àqueles que se “acrescentam” e representam grave distorção da realidade) e afetivos e emocionais (ou negativos), que se correlacionam e influenciam diretamente o processo comunicativo sendo comum a presença de distorções da forma e do conteúdo da linguagem, restrições de expressões emocionais, produção reduzida de fala e ausência de interesse em relações sociais, interferindo na fluência e no discurso propriamente dito (Fonseca; Rios, 2021).

Muitas pessoas com essa doença se sentem reclusas e optam por manter esse distanciamento, pela linguagem possuir o discurso desordenado, descarrilamento, tangencialidade, neologismos, pobreza no conteúdo do discurso, incoerência, pressão da fala, fuga de ideias e fala retardada ou até mesmo mutismo, há essa idealização de que não há como um esquizofrênico ter uma boa qualidade de vida.

Como pode ser visto os dois tipos podem refletir dois processos patológicos etiológica e prognosticamente distintos. Os principais sintomas da síndrome positiva (ou tipo I) são alucinações e delírios e da síndrome negativa (ou tipo II) são o embotamento afetivo e a pobreza do discurso (Silva, 2006).

Essa seria a forma com que é colocado os tipos de esquizofrenia, referente as suas patologias, mas como pode ser visto em alguns casos, há pessoas que possuem os dois tipos, devido os sintomas variarem, onde muitas das vezes vem acompanhado de crises de ansiedade

e a depressão, sujeitos com esse distúrbio tendem a possuir sintomas graves referentes as suas crises ou surtos, isso mostra como cada um sente a doença de uma forma.

A linguagem propriamente dita, também varia, todo e qualquer indivíduo possui sua linguagem, ela pode ser através de forma oral, escrita, sendo formais, informais, verbal, não verbal, híbrida, corporal, visual, e o esquizofrênico possui a sua, mesmo que muitas das vezes com suas limitações. A compreensão de que há pessoas que possuem algum distúrbio psíquico, pode ter uma visão de mundo limitada por não buscar compreender o que é a doença ou pode ser algo transformador, pois a pessoa vai aprendendo consigo mesmo.

O estudo de Vygotsky (2001), mostra que a linguagem não depende necessariamente do som. Há por exemplo a linguagem de sinais dos surdos-mudos e a leitura dos lábios, que é também interpretação de movimentos. Nas linguagens dos povos primitivos, os gestos são utilizados em paralelo com o som e desempenham um papel de certa importância, pode-se notar a forma em que é colocada a linguagem de pessoas que possui outro tipo de deficiência.

Em seu texto Vygotsky, se refere a forma de linguagem dos animais, direcionado aos chimpanzés, onde a única diferença é que os mesmos não possuem a imitação vocal, como os seres humanos, pois todos os seres se comunicam de sua maneira, tanto animais como pessoas, sendo elas ouvintes ou não, possuindo deficiência ou não, se comunicam e tem sua linguagem de alguma forma.

Os artigos mencionados possuem suas singularidades e são iguais em alguns quesitos, como nota-se há diferentes opiniões referente a linguagem de uma pessoa esquizofrênica, assim como a das demais que não possuem, isso remete ao estudo dos distúrbios da linguagem, onde são relacionados a habilidades linguísticas que são muitas vezes subestimadas, pois possuem fala fragmentada, erros no momento da escrita, ocasionados pela perda do controle no momento da escrita, chegam a escrever de forma estranha e alguns deles compreendem o que está escrito, mas pessoas de fora não conseguem entender.

Em provas, como no vestibular é necessário o acompanhamento em alguns casos, no momento da inscrição a pessoa responsável já coloca se é necessário a ajuda no momento da leitura, da transcrição do texto, pois a escrita desorganizada pode fazer com que a redação por exemplo chegue a ser zerada. Desse modo, é de suma importância ter uma pessoa especializada para reescrever o que foi colocado, mas sempre colocando as palavras que a pessoa escreveu, as vezes ajudando na compreensão e na colocação correta da palavra na frase, para que haja coerência naquilo que foi escrito.

Esse acompanhamento em muitos casos, não é somente em provas para se adentrar em universidades, mas pessoas com algum tipo de deficiência durante o ano que está na escola

possui acompanhante e ao adentrar no Ensino Superior possuem tutores que os acompanham durante a vida acadêmica, e isso não os torna incapazes de fazer as coisas sozinhos, até porque eles estão para auxiliar e não para fazer os trabalhos no lugar dos estudantes.

O estudo sobre os distúrbios da linguagem vem com o intuito de compreender que mesmo que haja a dificuldade no desenvolvimento da fala e da linguagem, havendo a troca dos sons ou de fonemas, ou até mesmo o fato de fazer o uso dos neologismos com já foi mencionado, essas distorções no momento da fala, há também a chamada jargonofasia e a esquizofasia, onde se pode ver a colocação de palavras sem sentido e ditas caóticas, a linguagem onde não pode ser compreensível, havendo a linguagem própria do doente, que é chamada de criptolalia.

Um dos acontecimentos mais recorrentes do esquizofrênico é o ouvir vozes e com isso muitas vezes falam sozinhos, utilizando seus próprios termos para se referir a algo, assim como nos artigos acima podemos notar o quão complexo é para essas pessoas conviverem em sociedade, serem aceitos no mercado de trabalho e até mesmo não serem vistos pela família como pessoas incapazes, mas convivendo pode se ter uma ideia formada com relação aos mesmos. Há pelo menos sete tipos de esquizofrenia e elas possuem suas especificidades, mas isso não impede que uma pessoa possua dois ou mais tipos de esquizofrenia, já que os sintomas variam.

O estudo a partir dessa temática, faz com que possamos refletir sobre a vida em diferentes aspectos, já que de acordo com especialistas, a maioria da população já nasce com sintomas de esquizofrenia, o que diferencia de uma pessoa diagnosticada é o simples fato da doença despertado de uma forma mais intensa.

A linguagem de uma pessoa esquizofrênica possui suas especialidades, varia de indivíduo para indivíduo, pois como já foi dito não existe somente um tipo de transtorno mental, e a esquizofrenia por afetar a forma como a pessoa pensa, sente e se comporta, faz com que outras pessoas as limitem, não devendo serem colocadas como incapazes diante a sociedade.

3.2 Esquizofrenia e a relação com sociointeracionismo

Como pode-se ver a partir de estudos feitos, e principalmente os mais recentes, o sociointeracionismo busca priorizar as relações sociais e culturais de pessoas de acordo com o meio que está inserido, o estímulo da aprendizagem das pessoas, basea-se por intermédio do convívio dos seres entre si. Se uma criança é estimulada desde cedo a fazer a reprodução de

palavras por mais que sejam aleatórias, terá mais facilidade em desenvolver a fala, assim como em muitos outros âmbitos do desenvolvimento humano.

Esse método é de suma importância para o desenvolvimento psíquico dos seres humanos, já que não impõe um limite de idade para ser utilizado. Tendo em vista a forma com que a aprendizagem de uma pessoa esquizofrênica tende a ser uma pouco mais lenta, comparada com pessoas que não a possuem, mostra o quão importante é possuir um acompanhamento. Em casa, pessoas com esse distúrbio devem possuir uma melhor atenção e serem estimuladas ainda mais para se desenvolverem e não possuírem esses estigmas de que por ser esquizofrênico, a pessoa se torna irrelevante para aqueles que estão a sua volta, já que são colocados como pessoas doentes, incapazes de se desenvolverem em sociedade.

O sociointeracionismo vem mostrar que as pessoas podem se desenvolver de diversas formas, podem aprender e repassar conhecimento ao longo da vida, basta possuir esse estímulo, pois, quando se é criança se tem um suporte, já que aprendemos aquilo que nos é repassado ao longo dos anos, os pais nos anos iniciais são os maiores detentores de conhecimento que uma criança pode ter, pois há convívio direto, desde as primeiras palavras até os primeiros passos, há esse acompanhamento.

Este estudo sociointeracionista, é fundamentalmente, o desenvolvimento da lógica na criança, como o demonstraram os estudos de Piaget, é função direta do seu discurso socializado. O crescimento intelectual da criança depende do seu domínio dos meios sociais de pensamento, ou seja, da linguagem (Vygotsky, 2001). Isso ressalta ainda mais a importância do conhecimento daquilo que se é pedido, a linguagem do sujeito percorre longos períodos para ser desenvolvida, é um percurso que necessita ser acompanhado e priorizado desde os anos iniciais.

É necessário que o estudo de pessoas com esquizofrenia deixe de focar somente nos transtornos, surtos, crises, para focar no que é essencial, a promoção de qualidade de vida e rompimento de estigmas de exclusão social. As pessoas são muito mais suas doenças, elas não podem ser definidas por a possuírem, há a capacidade de fazer o processamento de informações para que com isso possamos transformá-los em conhecimento, e assim entender que a linguagem é algo de todos, por mais que alguns sintam mais dificuldades em desenvolvê-la.

O presente artigo buscou analisar a linguagem do indivíduo com esquizofrenia, abordando essa temática sob a ótica do estudo sociointeracionista e os distúrbios da linguagem, sempre visando compreender de forma que pode ser a linguagem e apresentar as diferentes formas de participação do esquizofrênico em sociedade, salientando que todos possuem linguagem independente de possuir ou não a doença, tendo em mente que muitas vezes é de

forma fragmentada, ou seja, que se divide em várias partes, isso não os torna com menos conhecimentos que os outros, pois todo e qualquer indivíduo que possui um bom direcionamento é capaz de se desenvolver linguisticamente, já que existem várias formas de comunicação, e a linguagem é esse processo entre o emissor e o receptor, fazendo com que possa haver comunicação entre todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática abordada nos remete a um campo de estudo que por muito tempo se baseou-se na percepção de que a pessoa com esquizofrenia não poderia viver em sociedade. Entretanto, com o avanço científico e debates mais atuais conclui-se que o convívio com a pessoa com esse distúrbio não é tão diferente dos demais, pois suas possuem as mesmas capacidades intelectuais, sendo que a diferença está apenas na forma de aprendizagem.

A partir de uma perspectiva sociointeracionista foi possível refletir que mesmo com as dificuldades inerente a esquizofrenia, as pessoas podem se desenvolver linguisticamente, por mais que haja a perda do contato com a realidade, alucinações, falsas convicções e pensamento e comportamento desregrado.

O artigo aborda esse estudo e os distúrbios da linguagem, ao qual pessoas lidam diariamente e é essa alteração no desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo, assim como, o esquizofrênico possui o uso de medicamentos e a terapia para aliviar os sintomas positivos e negativos, assim como o comprometimento cognitivo, a pessoa com o distúrbio necessita de um acompanhamento para que assim consiga desenvolver sua comunicação, ao qual resulta na linguagem da pessoa.

Os objetivos propostos, visavam analisar a forma com que é apresentada a linguagem, tendo como objetivo específico compreender de que maneira a esquizofrenia interfere nas interações verbais de uma pessoa diagnosticada, e com isso chegamos à conclusão de que a pessoa com essa doença possui sua linguagem de forma fragmentada e ela não o impossibilita diretamente em sua relação social, porque há a interação de um indivíduo para o outro e ambos conseguem compreender o que está sendo apresentado. Mesmo que haja em certos momentos a desorganização linguística da pessoa diagnosticada, tendo um acompanhamento é possível um avanço considerável.

Assim como o objetivo geral, buscamos explicar como essa linguagem é vista, dependendo de como a mesma é colocada no meio social, a forma com que ela pode mudar o tratamento das pessoas com essa doença e ressaltar que a linguagem pode ou não ser um divisor

comportamental da pessoa diagnosticada, onde podemos entender que não precisamos considerar que a pessoa que possui alguma doença mental é impossibilitada de fazer coisas comuns do cotidiano, o ato de se comunicar é de todos, mesmo que de forma fragmentada, pois o ser humano mesmo que não possua uma doença mental, ainda sim é cercada por momentos as quais são vistas com esse desvio.

Podemos concluir que a pessoa com esquizofrenia, possui sua linguagem e que a partir desse estudo sociointeracionista e juntamente com os distúrbios da linguagem e textos que abordam essa temática direta e indiretamente, podemos ver com outros olhos pessoas com esse tipo de deficiência ou outras existentes de forma positiva. Muitas vezes nos seres humanos só precisamos de um apoio em meio a tantos acontecimentos. Ao entender de que forma podemos ajudar os mesmos a conviverem em sociedade, isso resulta em um sentimento de autoconfiança, pois todos merecem o respeito, por mais que possuem algo que os diferencia dos demais.

Possuir uma deficiência não nos os torna incapazes de se comunicar, possuírem sua linguagem, de conviver em sociedade, de construir uma vida, pois a deficiência não os define como inaptos, é somente um motivo a mais para continuarem e provarem que podem ser livres para serem quem são. Uma pesquisa de suma importância na área de Língua Portuguesa, para haver mais estudos tanto sobre a linguagem de um esquizofrênico, assim como o estudo linguístico que abordam o sociointeracionismo e os distúrbios da linguagem.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Leonardo dos Santos; KUMADA, Kate Mamhy Oliveira. Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. **Revista Brasileira de Iniciação Científica – RBIC**, Itapetininga, v. 8, p. 1-17, 2021.

BRESSAN, Rodrigo Affonseca. A depressão na esquizofrenia. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 22, p. 27-30, 2000.

BRITO, Ana Paula Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Brunna Alves da; A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área da educação. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021.

FONSECA, Victória Costa; RIOS, Noemi Vieira de Freitas. Linguagem e comunicação na perspectiva do sujeito com esquizofrenia. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 615-626, dez. 2021.

GATI, João Pedro Souza. Discurso delirante na esquizofrenia e o efeito de estranhamento. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 176-188, abr. 2021.

MOTA, Girlene Santos da; SILVA, Maria Jeane da; LOPES, Andressa Pereira. Esquizofrenia e terapia cognitivo-comportamental: um estudo de revisão narrativa. **Ciências Biológicas e de Saúde Unit**, Alagoas, v. 4, n. 2, p. 371-384, nov. 2017.

RABÊLO, Fabiano Chagas et al. Esquizofrenia, clínica e saúde mental na psicologia sócio-histórica e na psicanálise. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 229-247, 2018.

SILVA, Regina Cláudia Barbosa da. Esquizofrenia: uma revisão. **Psicologia USP**, v. 17, n. 4, p. 263-285, 2006.

SOUSA, Angélica de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. [s.l.]: Ed. Ridendo Castigat Mores, 2001.